

RESENHA



SANTOS, Kauê Lopes do. *Ouro por lixo. As inserções de Gana na divisão internacional do trabalho.* Rio de Janeiro: Pallas, 2021.

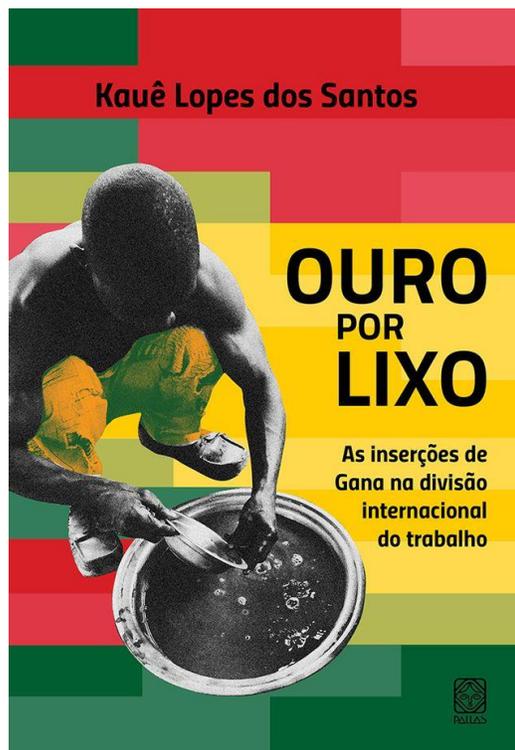
Por Antonio Gomes de Jesus Neto

130

Antonio Gomes de Jesus Neto
Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Membro-pesquisador do Laboratório de Geografia Política e Planejamento Ambiental e Territorial (LABOPLAN) do Departamento de Geografia (DG) da USP. Também é membro-pesquisador do GeoÁfrica

Como citar

GOMES DE JESUS NETO, A. Resenha: SANTOS, K. L. do. *Ouro por lixo. As inserções de Gana na divisão internacional do trabalho.* Rio de Janeiro: Pallas, 2021. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 1, p. 130-132, jan-mar 2022.





Há muitos caminhos para se compreender uma sociedade (ou melhor, uma formação socioespacial), e talvez o mais singelo deles – não sendo, por isso, o menos importante –, é a partir de seu nome. Gana se chama Gana pois, como se pode ler no livro de Kauê, entre os séculos IX e XIII houve na região um império com esse nome. Área de ocorrência de ouro, por séculos foi este mineral uma das mais importantes fontes de renda dos impérios que por ali vigoraram (com diferentes nomes), até que a colonização britânica do século XIX batizou seu território como Costa do Ouro. Hoje em dia, poucos países ainda mantêm em seus nomes referências a alguma *commodity* (o Brasil é um exemplo, assim como a Costa do Marfim), e como se pode perceber, Gana não é um deles. Após a independência, Gana voltou a ser Gana, pois seu primeiro presidente, Kwame Nkrumah, queria algo mais do que apenas *commodities*. Não é o caso de detalhar aqui todo este longo processo histórico, até porque Kauê o faz de maneira bastante acurada no primeiro capítulo de seu livro, mas essa curta síntese serve para mostrar do que se trata o livro, e porque Kauê escolheu as ferramentas teórico-conceituais que escolheu.

131

Como o autor deixa claro desde a primeira frase, ele não está preocupado em explicar a África como um todo, mas “apenas” Gana (o que já é muito), uma totalidade nacional explicada por suas particularidades históricas e geográficas. Para isso, Kauê lança mão do conceito de “formação socioespacial”, formulado pelo prof. Milton Santos em meados dos anos 1970, sob declarada inspiração das “formações econômicas e sociais” de Marx. Milton Santos e Karl Marx, aliás, são os grandes guias teóricos do livro, de modo que o autor estrutura sua análise em torno de conceitos miltonianos como circuitos espaciais de produção (em contraposição às “cadeias econômicas de valores”) e espaço geográfico (por sua análise das dimensões técnicas e político-normativas do território ganense), mas também das discussões marxistas sobre capital e trabalho, produção e circulação, os 3 setores da economia e, de maneira surpreendente, revisita a tradicional fórmula de realização do capital D-M-D’. Além disso, Kauê resgata, em Cholley, algumas características por vezes esquecidas da geografia clássica, como a noção de “combinações”, as análises baseadas no que hoje se chama de Geografia Física e a divisão entre espaços rurais e urbanos (ainda que o autor faça questão de problematizá-la à luz da realidade contemporânea).

Impossível não citar, também, a variedade e a profundidade dos procedimentos metodológicos escolhidos, que para além da indispensável revisão bibliográfica, incluiu riquíssimos trabalhos de campo em território ganense (muito bem aproveitados, como o livro



demonstra), visitas a bibliotecas em Gana, Reino Unido e Estados Unidos, análises de dados estatísticos de fontes confiáveis e bastante diversas (incluindo fontes governamentais locais, muitas vezes esquecidas ou postas em causa no mundo ocidental), e não se poderia deixar de mencionar, bonitos mapas elaborados de maneira híbrida entre o digital e o analógico.

Mas claro, todo esse cuidado teórico, conceitual e metodológico não teria a mesma força se não fosse acompanhado de uma riqueza empírica, e de análises acuradas e inovadoras, sobre a formação socioespacial ganense no século XXI. Articulando habilmente as escalas macro e micro espaciais, Kauê identifica uma concentração seletiva da produção e circulação no centro-sul do território de Gana (em contraposição a um norte agrícola), demonstra a importância dos portos ganenses para sua economia, destaca repetidamente a permanência do papel do Estado para essa formação socioespacial, e torna visível, por meio da análise das exportações e importações, a crescente presença da China na região, da qual tanto se fala (e pouco se sabe) nos últimos anos. É nessa análise das exportações e importações, aliás, sempre com base no processo histórico de formação socioespacial, que Kauê defende sua tese, condensada no título do livro e baseada em uma abordagem (aparentemente) inédita na geografia brasileira sobre o fenômeno do “lixo eletrônico”. Obviamente não é o caso, aqui, de explicar o argumento, pois é para isso que o livro foi editado e publicado, mas cabe apenas destacar a criatividade de Kauê na elaboração de um conceito novo, batizado por ele de *recomodização*.

É reconhecida a insuficiência do conhecimento – não apenas na Geografia, mas em toda a academia brasileira – sobre a realidade contemporânea das formações socioespaciais africanas, e por isso esforços como o de Kauê merecem ser louvados. Não é fácil fazer esse tipo de pesquisa no Brasil, mas quando um livro desses aparece, reacende em nós a esperança de que o difícil não é impossível. Oxalá que este esforço de publicação acabe por estimular outras mais, sobre outras formações socioespaciais africanas, e se um dia tivermos ao menos um livro desses para cada uma das 54 delas, poderemos afirmar que sim, avançamos em nossa tarefa.